

Igreja Diocesana de VILA REAL



Associação de Imprensa
de Inspiração Cristã

Boletim Bimestral - Ano IX, nº 47, Março / Abril de 2011

Director: P. João Curralejo



Mensagem da Páscoa

A necessidade do homem novo

1. A Páscoa ocupa na mensagem cristã um lugar central. Da ressurreição de Jesus nasceram o Domingo, o calendário do ano e da semana, os sacramentos, mormente a Eucaristia, a própria luz que alumia a leitura da Bíblia. Pode dizer-se que a fé e a piedade de uma pessoa dependem do lugar que a Páscoa ocupa nos seus esquemas culturais e de acção.

2. O mistério pascal de Cristo prolonga-se em toda a vida do homem sobre a terra: na saúde e na doença, na vida pessoal e familiar, na vida profissional e até na vida política e na morte. Não há sector humano que não precise de ser «pascalizado», aquilo que os textos bíblicos chamam a passagem do mundo velho ao «mundo novo», «homem novo», «aliança nova». A própria crise económica e financeira em que estamos envolvidos, e de que toda a gente fala, só se resolve pela mística pascal de Jesus Cristo: a morte do egoísmo e da vaidade de cidadãos e governantes que invadiu as estruturas sociais para dar lugar ao «homem novo», aquele homem com que sonharam todos os revolucionários utópicos, todos os ideólogos, mas que só Jesus produziu.

3. Para essa morte dos comportamentos negativos e aparecimento do homem novo são precisas muita humildade e coragem, a aceitação da verdade, aquela verdade que Pilatos rejeitou com enfado. Lembro-me de ter ouvido de um político em dia de festa a proclamação pública de que não gostava

da parte da Missa em que se pede perdão, mas apreciava os gestos de paz e de alegria. É, infelizmente, uma atitude muito generalizada: a tentativa de encontrar uma Páscoa sem Quaresma, uma ressurreição sem morte, uma fé sem conversão, de que são sinais o afastamento da Confissão e dos Crucifixos.

4. O mistério da Páscoa de Jesus aí está a pedir actualmente «almas novas» no interior das famílias entre marido e mulher e entre pais e filhos; na escola entre professores e alunos; nas estruturas de trabalho e da administração pública; entre os grupos económicos e os sindicatos. Até no interior da Bandeira Nacional os símbolos da Páscoa de Jesus se encontram semeados a pedir alma nova. Na história da salvação, as comunidades degradam-se pelo abandono da verdade e regeneram-se pelo regresso à verdade. O actual mundo laicista colocou de lado a luz e o fermento de Jesus Cristo. É hora de recolocar esse sal na vida pessoal, familiar e social.

São esses os meus votos e o convite dirigido a todos.

Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real

Novo livro do papa

JESUS DE NAZARÉ II

1. Este livro é o 2º volume da obra do Papa sobre «Jesus de Nazaré». Haverá ainda um 3º volume dedicado aos Evangelhos da Infância.

Na versão portuguesa, este 2º volume tem uma apresentação agradável, encarnado e não volumoso, com as cores branca e encarnada da Páscoa

O autor apresenta-se com o duplo nome: José Ratzinger e Bento XVI. O primeiro nome é o do professor, pois o livro é o livro de um professor de Exegese bíblica com duas finalidades inseparáveis: ensinar como se deve fazer hoje a

exegese bíblica e apresentar a figura e a mensagem de Jesus tais como resultam dessa exegese; o segundo nome, Bento XVI, afirma que livro é escrito por um crente, católico, sem que isso retire nada à exigência científica.

O nome do livro - Jesus de Nazaré - reporta-se à realidade histórica de alguém que apareceu na Palestina com essa origem geográfica e evitando logo de entrada um título de fé.

O livro não é uma biografia de Jesus (narração da vida de Jesus desde o nascimento à morte e o seu contexto geográfico e cultural), nem é uma cristologia (reflexão sistemática sobre a pessoa e a obra de Jesus, ainda que tenha

algumas páginas dessa natureza (pág.132-136), nem é um livro devocional com intuítos edificantes, embora apareçam páginas de grande beleza espiritual.

Cont. pág. 5



Catequese em encontro nacional

De 13 a 16 de Abril decorreu, na cidade da Guarda, o 50º Encontro dos Secretariados Diocesanos da Catequese. Tratava-se de um Encontro Jubilar e comemorativo. Por isso, dedicou algum tempo a fazer memória dos principais factos e protagonistas da catequese em Portugal, nos últimos 50 anos: contou com a presença de alguns antigos responsáveis deste sector e foram evocadas pessoas que marcaram a Igreja portuguesa, nomeadamente D. Tomaz Nunes, presidente da Comissão Episcopal da Educação cristã, recentemente desaparecido.

Mas, os responsáveis da catequese estão preocupados sobretudo com o futuro. «Sereis minhas testemunhas», foi o lema escolhido e propunha-se como objectivo principal debater os desafios que se colocam aos catequistas de hoje, numa sociedade secularizada e global.

Nesse sentido D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa, recordou que a catequese deve ser “viva” e “evangelizadora”, no ensino e na vivência da Palavra de Deus, que cumpra a sua missão numa sociedade “cada vez mais pós-cristã”. A finalidade de toda a catequese deve ser o encontro profundo com Cristo, na Igreja. Para isso precisamos de catequistas que sejam «pastores».



Momento alto do Encontro foram as duas conferências de Enzo Biemmi, catequeta italiano, especialista em catequese de adultos e na formação de catequistas e presidente da Equipa Europeia da Catequese.

Numa intervenção intitulada «A catequese e os catequistas face

aos desafios da secularização», este responsável defendeu uma passagem da linguagem, da organização e da proposta intraeclesial a uma linguagem marcada pela laicidade, pela vida secular. Será necessário aceitar «quebrar» os esquemas da nossa pastoral autorreferencial com vista a uma reorganização pastoral baseada nos tempos e ritmos da vida humana.

Este responsável relevou “quatro situações” na relação dos europeus com a fé cristã, que passam, diferenciadamente, pela “ruptura”, a “continuidade sociológica parcial”, a “continuidade individual e ritual” e a “indiferença serena”.

“Numa cultura de secularização, de globalização, de comunicação planetária, nem a família, nem a escola, nem a aldeia levam

a cabo a iniciação sociológica à fé cristã”, “A situação de secularização que atravessa toda a Europa coloca grandes desafios à comunidade eclesial na tarefa de evangelização que lhe foi confiada pelo Senhor Jesus”, alertou, falando num “verdadeiro êxodo para a comunidade cristã”.

À Igreja, declarou Biemmi, compete “reaprender a anunciar o Evangelho sobre as situações de vida das pessoas, sobre as passagens das suas vidas, sobre o que as faz viver, sofrer, ter esperança”. “Há que anunciar um evangelho do amor, um evangelho da paternidade e da maternidade, um evange-

em quatro áreas - “teológica, cultural, pedagógica e espiritual”.

“O que podemos esperar do catequista, a este respeito, é que ele possa falar da fé ou dá-la a descobrir, não de forma abstracta e separada da vida mas, ao contrário, apoiando-se em tudo o que constitui o concreto da vida, apelando



lho da paixão e da compaixão, um evangelho da fragilidade afectiva e física, um Evangelho da Ressurreição no coração de qualquer experiência de morte”, acrescentou.

Na segunda conferência, «desafios e oportunidades para a formação de catequistas», destacou a importância de catequistas apaixonados por Jesus Cristo que se tornem acompanhantes da fé, à imagem do Diácono Filipe como se relata nos Actos dos Apóstolos.

Advogou, por isso, que se passe de “uma catequese reservada às crianças para uma que torne o adulto no sujeito e destinatário principal da catequese, mesmo no caso da catequese das crianças”.

“Os nossos catequistas, e nós também, fomos formados para educar uma fé que já lá estava”. Essa, assinalou, é uma realidade que já se alterou e que exige “uma série de competências” aos catequistas,

a todos os valores e recursos do meio”, indicou.

Enzo Biemmi considera que os dias de hoje são “uma belíssima época para a fé”. “Não devemos sentir saudades da sociedade de cristandade. Devemos, sim, deixar os nossos olhos encantarem-se com o reconhecimento da acção de Deus nos homens e mulheres de hoje”, concluiu.

Deste Encontro saiu já a indicação de que as Jornadas Nacionais de Catequistas se realizarão em Fátima de 7 a 9 de Outubro 2011.

P. Manuel Queirós

FICHA TÉCNICA

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim oficial da Diocese de Vila Real

Propriedade
Centro Católico de Cultura

Redacção
P. João Batista Gonçalves Curralejo

Administração
P. António Paulo Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1
5000-669 VILA REAL
Tel. 259322034
Fax. 259378346

Impressão
Minerva Transmontana
Tipografia L.da
R. D. António Valente da Fonseca
5000-539 VILA REAL



45º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

5 de Junho - Ascensão do Senhor

Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital

Este é o tema da mensagem do papa para o dia das Comunicações Sociais, este ano a 5 de Junho. De facto, hoje, na era digital, é indispensável uma presença cristã activa na área da comunicação e das novas tecnologias, particularmente na internet.

Neste Domingo da Ascensão do Senhor os ofertórios das missas destinam-se a estes meios: na nossa Diocese, cinquenta por cento desta colecta é para este Boletim e a outra metade para a Conferência Episcopal, nomeadamente para a agência *Ecclesia*.

Testemunho de vida sacerdotal:

a melhor promoção vocacional

No dia 16 de Fevereiro foi publicada a mensagem do Papa Bento XVI para o 48º Dia de Oração pelas Vocações que se celebrará no dia 15 de Maio, 4º Domingo da Páscoa (Domingo do Bom Pastor) na qual o Papa nos convida a reflectir sobre o tema: “Propor as vocações na Igreja local”.

Preocupado com a crise vocacional, evidente nos diversos âmbitos eclesiais, reconhece um dos pontos mais conflitivos com o qual se enfrenta a promoção vocacional nos nossos dias: o débil testemunho da vida sacerdotal. Por isso diz Bento XVI: “Aos sacerdotes recomendo que sejam capazes de dar um testemunho de comunhão com o Bispo e com os outros irmãos no sacerdócio, para garantirem o húmus vital aos novos rebentos de vocações sacerdotais”. É verdade que estamos perante uma realidade complicada que afecta, em geral, a vida do presbitério e tem a sua verificabilidade na diminuição das vocações, seja ao ministério ordenado, seja à vida religiosa. Mas esta é também uma realidade que nos deve interpelar, em primeiro lugar, sobre o testemunho de vida que damos e como projectamos a vida sacerdotal e, em segundo lugar, como enfrentamos a problemática juvenil neste tempo em constantes mutações.

Todos estamos conscientes que o nosso testemunho de vida tanto pode ajudar como pode ser obstáculo a que os jovens se animem a seguir o Senhor no sacerdócio ou na vida religiosa. Segundo uma investigação do Centro Nacional das Vocações da Conferência Episcopal Italiana (citada por P. Jaime Emilio Magaña, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana e que se dedica à formação de formadores ao sacerdócio) que teve em conta âmbitos muito diversos da sociedade, o padre, em geral, é visto pelas pessoas como uma pessoa insatisfeita, triste, desiludida e, por vezes, amarga. Verifica-se ainda que, fre-

quentemente, não perde a oportunidade de criticar e desvalorizar quem pensa de forma diferente. São muitos os que opinam que transmitimos insatisfação na forma e no modo como nos apresentamos: sempre cansados ou de mau humor, intensa vida social que rotulamos de pastoral, com muitos e diversificados compromissos sociais, geralmente com os mais ricos, imersos num frenético activismo que nos desgasta e empobrece na medida em que não nos deixa tempo para rezar, meditar, discernir e, muito menos, ler e estudar, actualizar-nos e prepararmos-nos para melhor servir as comunidades que nos foram confiadas, santificando-nos também no exercício do ministério.

Não soubemos e, possivelmente, nem nos preocupamos em desenvolver, talvez também nunca tenha sido uma verdadeira preocupação sentida no presbitério, uma sã atitude de formação permanente, bem como a necessidade de aperfeiçoar e desenvolver o hábito de aprender a aprender. Com alguma arrogância, normalmente, queremos fazer passar a ideia que sabemos tudo e sobre todos os assuntos temos uma opinião “bem formada” o que leva a não sabermos escutar e, por consequência, também a rejeitar uma formação contínua.

Outra situação que nos afasta das pessoas, em geral, e dos jovens, em particular, está intimamente relacionada com o modo como realizamos um ministério triste e monótono recorrendo, frequentemente, à vitimização e à agressividade verbal que leva alguns a um crescente isolamento ao pensarem que o

que fazem não é importante e, muito menos, valorizado e significativo para as pessoas, experimentando assim o fracasso pastoral. É possível que façamos muitas actividades mas, no fundo, aos outros não lhes interessa o que fazemos. Provavelmente suportamos, mas não os interpela a maneira como vivemos, o modo como trabalhamos ou as propostas pastorais que fazemos.

ser um espaço de encontro, de partilha fraterna, de diálogo construtivo, de escuta atenta, de reflexão séria e programação pastoral, mais não são que o lugar de exaltação do ego de uns, caixa de ressonância das ideias de outros, humilhando ou, frequentemente, mandando calar quem ousa manifestar ideias diferentes ou levanta dúvidas sobre algumas opções pastorais tomadas. Tudo isto conduz a um certo desinteresse ou desmotivação pela pastoral diocesana de conjunto e a uma “tribalização do presbitério” pondo a descoberto uma frágil fraternidade sacerdotal.

Conclui o P. Magaña:



Tudo isto se acentua ainda mais com a ameaça de uma espécie de “solidão social” que não tem que ver com o não ter uma família ou amigos, mas com a dolorosa experiência de estar só no meio da multidão ao constatar que não existe autêntica fraternidade sacerdotal. Assim aquilo a que poderíamos chamar de “solidão ministerial” fomenta, tantas vezes, a crítica superficial que destrói porque não temos a coragem de falar honesta e directamente, rivalidades, carreirismo, inveja e divisões. Tantas vezes as reuniões do clero que deveriam

“se esta percepção coincidissem com a realidade, com um testemunho sacerdotal “assim”, será sumamente difícil promover e cuidar as vocações sacerdotais e religiosas.

Claro que podemos sempre argumentar que isto se refere a Itália. Mas, entre nós, algo disto também acontecerá...

A partir da mensagem do Santo Padre é importante reflectirmos, antes de mais, sobre o chamamento que Deus nos fez, no modo como vivemos no e em presbitério, e como podemos ajudar os adolescentes e os jovens a despertar e a

acolher o dom da vocação. A vocação é sempre um dom que o Senhor concede à sua Igreja. “O Senhor não deixa de chamar, em todas as estações da vida, para partilhar a sua missão e servir a Igreja no ministério ordenado e na vida consagrada” (Bento XVI). A escassez de vocações não é porque Deus abandonou o seu povo, nem porque faltam pessoas imbuídas de nobres ideais. Talvez seja porque nós mesmos não vivemos o que ensinamos nem praticamos o que prometemos. Falta-nos a alegria e o entusiasmo do testemunho que nasce da configuração existencial com Cristo. Falta-nos uma profunda e autêntica espiritualidade sacerdotal configurada pela diocesanidade.

Temos que atrair por um autêntico e verdadeiro testemunho de entrega a Deus, pela dedicação, plena e alegre, ao ministério sacerdotal, pelo acolhimento fraterno às pessoas, especialmente aos pobres e fracos. Numa palavra, carecemos de uma constante conversão à permanente novidade que é Jesus Cristo que nos desafia e convida a santificarmos-nos no exercício do ministério, em comunhão sacerdotal, vivendo a “caridade pastoral”.

O testemunho suscita vocações. Na verdade a fecundidade da proposta vocacional depende, em primeiro lugar, da acção gratuita de Deus, mas é favorecida também, em segundo lugar, como o confirma a experiência pastoral, pela qualidade e riqueza do testemunho pessoal e comunitário de todos aqueles que já responderam ao chamamento do Senhor no ministério sacerdotal e na vida consagrada, pois o seu testemunho pode suscitar noutras pessoas o desejo de, por sua vez, corresponder com generosidade ao apelo de Cristo (cf. Bento XVI).

P. Abel Canavarro

O papa fez anos

Oitenta e quatro anos de vida e seis de governo

1- No sábado, dia 16 de Abril, o Papa completou 84 anos de vida e, no dia 19, seis de eleição para Sucessor de Pedro, iniciando o seu pontificado no dia 24.

Pelo especial respeito devido ao seu ministério e também pelo contributo que vem dando ao mundo, bem merece esta palavra de saudação.

O dia 16 de Abril de 1927 coincidiu com o Sábado Santo, e como foi baptizado no mesmo dia com o nome de José, o Papa anda marcado pelo tom pascal, a dimensão da fé que ele sempre cultivou na reflexão teológica e na vida pessoal.

É o filho mais novo e terceiro de um casal constituído por um médio comissário público da polícia, casado em 1920 com Maria Peintner, cozinheira, mulher piedosa, despachada e inteligente. O outro irmão, Jorge, é também sacerdote, pároco muitos anos e dado à música, tendo já falecido a irmã mais velha, Maria, que sempre acompanhou o Papa enquanto ele foi professor universitário. O Papa manteve sempre uma sentida gratidão por essa sua irmã, cuja campa visitou privadamente no cemitério da aldeia rezando por ela e pelos pais.

2 - O P. José Ratzinger tornou-se desde a juventude um teólogo brilhante, a «estrela» do seu tempo, e foi professor universitário em várias Universidades (Munique, Bona, Munster, Tubingen). Durante o Concílio seria o teólogo oficial de bispos alemães. Manteve sempre uma vida discreta e uma sensibilidade humana e artística. Em jovem havia até pensado dedicar-se à pintura. Tocava piano com algum talento com uma preferência pelas sonatas de Beethoven.

Em 1969 regressa a Baviera, à Universidade de Ratisbona, chegando a ser Reitor. Em 1977 é eleito bispo pelo Papa Paulo VI e logo a seguir nomeado cardeal. Em 1981, João Paulo II chama-o a Roma e nomeia-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, um ministério de extrema responsabilidade incumbido de promover a fé e acautelar a ortodoxia da doutrina sobretudo nos Seminários, nas faculdades de Teologia, nas pu-

blicações científicas e nos meios universitários.

Tendo vivido o Concílio por dentro, capta facilmente os seus desvios. Diz ele que durante o Concílio houve um clima de euforia, mas depois caiu-se em alguma desorientação e mesmo destruição. O ambiente de laicismo prejudicou a assimilação da doutrina conciliar e, na análise de muitos documentos, esqueceu-se a referência fundamental ao mistério de Deus. Os analistas gostam de dizer que o Papa cita quatro heresias que urge combater: ao falar de Jesus, insiste-se na sua «natureza humana» e esquece-se a sua divindade; ao falar da Igreja, refere-se como sendo «Povo de Deus» acentuando a palavra «povo» e diminuindo que seja «de Deus»; o ministério do Papa é visto como «o Vaticano» e menos como «a Sé Apostólica»; ao falar da «participação litúrgica» insiste-se na «participação» sensível e silencia-se «o mistério pascal»; ao falar da «presença da Igreja ao mundo», sublinha-se a «acção» e esquece-se de dizer que deve ser «cristã».

Publicou cerca de 100

livros e mais de 600 artigos científicos.

3 - A marca deste Papa e do seu ministério é a denúncia e a resposta à cultura dita pós moderna. Na homilia da Missa do conclave que o viria a eleger, o então car-



deal Ratzinger alertou para «a ditadura do relativismo, uma mentalidade que não conhece certezas, nem verdades duradouras mas só opiniões. É a pulverização da razão humana. A fé é entendida como fruto dos sentimentos e das tradições, não tendo uma estrutura intelectual, navegando ao sabor das ondas do modernismo. Todos pedem à Igreja que se «adapte», que se «actualize», respondendo a Igreja que o mundo deve aprender a reflectir, a ir à raiz das coisas. É o doente que deve obedecer ao médico e não este àquele. Infelizmente, ter uma fé sólida, ser fiel ao Credo, é hoje etiquetado como fundamentalismo, enquanto

que a anarquia dos princípios aparece como modelo de actualidade. Em vez do saber sistemático, tenta impor-se uma teologia jornalística, tecida de opiniões.

Deu-se assim origem a um mundo culturalmente dividido em duas civilizações: o mundo ocidental mergulhado no relativismo, o pensamento frágil, positivista e sem metafísica, um pensamento curto, mais emotivo que racional, mais empenhado na busca da felicidade que na verdade; e o mundo oriental de tradições místicas, apaixonado pelos slogans, sem dar grande espaço à razão, desconfiado do laicismo ocidental. O mundo ocidental responde sempre às grandes questões da vida com o «que é prático», o que «é útil», o que «dá resultado imediato». Temos exemplos disso na legislação da família sem casamento, no casamento sem estabilidade, no amor sexual sem diferença sexual, na sexualidade sem filhos, nos filhos sem sexualidade, filhos de laboratório e sua possível adopção por homossexuais. Em nada disto há rigor de pensamento, mas, por serem coisas tecnicamente possíveis, passam a ser «verdadeiras»

4 - Compreende-se assim o lugar que Bento XVI vem a dar ao diálogo da razão e da fé no interior da Igreja e nas outras religiões. «O próprio Jesus tornou a fé inteiramente compreensível ao apresentar Deus na sua unidade interna e na continuidade com o Antigo Testamento. Continua a ser a grande tarefa da Igreja unir a fé e a razão, o olhar para além do tangível, e, ao mesmo tempo, a responsabilidade racional, pois elas foram-nos dadas por Deus. É isso que distingue o ser humano» (in Luz do Mundo, pág 82). Em nome da razão, os iluministas da Revolução Francesa no séc. XVIII expulsaram a fé do espaço público e da cultura; em nome da fé,

os filhos do Islão, os misticismos orientais e os novos misticismos das seitas contentam-se com uma fé cega e rejeitam a razão e o espírito crítico; os cristãos procuram unir as duas. Bento XVI vem a dizer ao mundo ocidental que, sem fé, cairá na ditadura da técnica; e ao mundo oriental lembra que, sem reflexão adulta, cairá no fanatismo religioso. Em ambos os casos será sempre a pessoa humana a pagar a factura.

Este empenho educativo da inteligência crítica encontra-se expresso nas três entrevistas que deu ao jornalista alemão Peter Seewald: «Sal da Terra», «Deus e o Mundo», e «Luz do Mundo», obras traduzidas em vernáculo.

Ultimamente, avançou com uma obra sobre «Jesus de Nazaré», pois também a pessoa de Jesus vem a ser arrumado ora por uma razão sem fé, apresentando um Jesus revolucionário e um judeu marginal, ora por uma fé sem razão dando origem a um Jesus adocicado, que aceita tudo, sem interesse. O Jesus apresentado pelo Papa é um Jesus verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus.

Nas obras citadas, o Papa, sem invocar logo à partida a sua autoridade pontifícia, aceita colocar-se em diálogo aberto com o comentador como professor, apoiado nos direitos da razão e da metodologia científica mais rigorosa. Nas mensagens pastorais dirigidas aos fiéis na Praça de S. Pedro e nas suas viagens pastorais a determinados países, como foi o caso do Reino Unido, Portugal e Espanha, o Papa fala como Pastor supremo mas mantém esse diálogo da fé e da razão, da cultura humana e da abertura ao mistério de Deus revelado em Jesus.

Bento XVI é o teólogo sereno e o pastor chamado a reconstruir desde as raízes a fé e a cultura humana destroçadas nos últimos decénios.

+ Joaquim Gonçalves

Novo livro do papa

JESUS DE NAZARÉ II

Cont. pág. 1

2. Escrito já como Papa, Bento XVI não invoca a sua autoridade de Papa, mas coloca-se ao nível de um professor universitário, pois sabe que muita desorientação doutrinária acerca de Jesus e da Bíblia nasce do modo errado de fazer a exegese. Quer estabelecer um diálogo científico com outros professores, aceitando ser contraditado por quem tenha outros argumentos. Ele próprio refere autores de quem se afasta e outros convergentes. Tem diante dos olhos a nata dos exegetas bíblicos, mormente alemães, anglo-saxónicos e franceses.

3. O tema deste volume, como aliás vem na capa, é a última parte da vida de Jesus: a Entrada em Jerusalém, a Ceia, a Paixão, Morte, Sepultura e Ressurreição, factos celebrados na Semana Santa. É mais uma razão da sua actualidade, agora que se aproxima a Páscoa. Para uma tal mentalidade romântica que fala de um Jesus bonzinho, a prisão e morte de Jesus foram um passo “lamentável”, o “fracasso” de uma carreira brilhante, que o mundo chora na Semana Santa! Ora é exactamente ao contrário: essa parte da vida de Jesus é o seu “noivado”, a “sua hora”, a festa das “bodas”, a sua “exaltação gloriosa” e a «glorificação do Pai». A liturgia celebra estes factos com paramentos encarnados, a cor do sangue e do amor. Em todo o livro transparece um Jesus consciente da realização de um plano, corajoso, muito acima do mero conflito exterior com as autoridades judaica e romana

4. O método de estudo usado pelo Papa é o misto do método histórico e do método teológico, o primeiro para as questões geográficas e os factos da história

profana, e o segundo para as áreas da teologia bíblica, tais como o sentido profundo das palavras e dos factos bíblicos

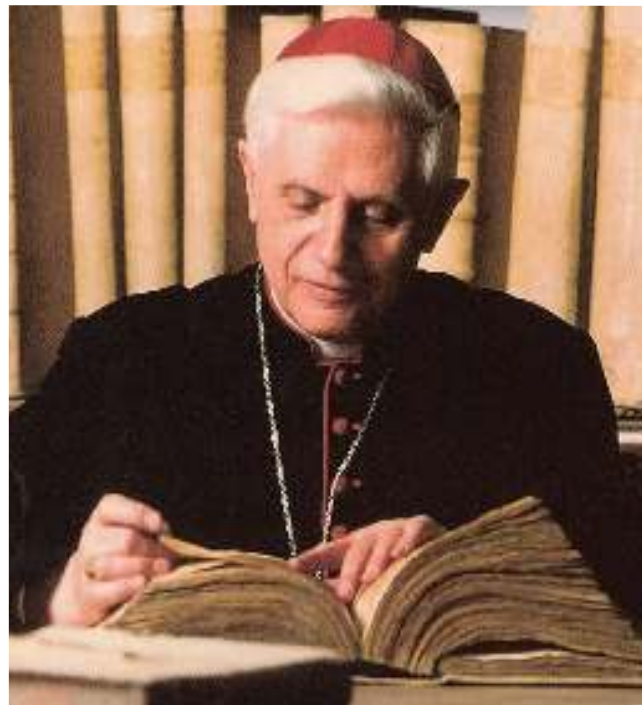
Durante séculos, diz o Papa, os exegetas usaram unicamente o método «histórico crítico» que, á partida, só admitia como histórico o que coubesse dentro dos limites humanos. Tal método vive de um preconceito ideológico: a ideia preconcebida de que Deus não pode entrar na história humana e, por isso, rejeitará como não históricas todas as manifestações divinas de Jesus. “Isso já deu o que tinha a dar”, diz Bento XVI, pois não só mutila toda a história de Jesus mas destrói toda a Bíblia. Ao absolutizar o método histórico crítico e positivista, não aceitando no estudo da história nada que ultrapasse os dados humanos e atribuindo tudo isso à fé, o historiador assemelha-se ao médico que ao tratar um doente se limitasse às análises clínicas, ao peso detectado na balança e à palpação, desprezando o conhecimento da história da família do doente, os seus sonhos, os projectos de vida que não cabem na balança. Nem um tal doente seria real nem tal médico seria objectivo.

Pois foi isso que aconteceu: a falta de um verdadeiro método no trabalho de Exegese gerara dois tipos de Jesus alheios ao que vem na Bíblia: fora da Igreja, falam de um Jesus revolucionário anti-romano e oposto às estruturas oficiais do judaísmo; dentro da Igreja, um Jesus bondoso que nada exige, para quem vale tudo, que tudo perdoa. Esses tipos de Jesus não seduzem ninguém e, pior, são irreais.

O Jesus histórico, real, aquele a que aludem os documentos históricos profanos, é o que vem nos Evangelhos, o Jesus que,

desde o início, antes da ressurreição, não cabia nos esquemas judaicos nem romanos. O historiador tem de registar esse facto como histórico, não podendo decapar essa realidade.

O método usado pelo Papa respeita a história e os factos e localidades



geográficas, e respeita a Bíblia como uma revelação gradual e progressiva, dando às palavras ditas por Jesus ou a Ele referentes a dimensão que a Bíblia lhes confere. São exemplo disso o modo de entender o jumentinho na entrada em Jerusalém, a túnica, o nome de «mulher» dado a Maria, o jardim da sepultura.

5. Ninguém escolha este livro para as horas de sono ou para ler com a televisão ligada. Para isso há já muita literatura e fantasia cristã efabulada, tais como “Quo Vadis?”, “Ben Hur”, “Fabiola”, “Código da Vinci” e outras aventuras comerciais sempre a aparecer.

Numa época mais inclinada à emoção que à razão, mais dada à fantasia que à reflexão, este livro ensina a pensar. O livro do Papa requer do leitor desejo de saber, vontade de aprender, educa a inteligência e desperta o coração para os ideais de Jesus de Nazaré.

A tendência muito portuguesa de, nas questões religiosas, não dar espaço à reflexão está na base do alheamento da vida cristã de muitos baptizados, incluindo jovens com estudos secundários e universitários.

6. Tenha-se em conta que o autor é um alemão, um intelectual, conciso e onde bastar uma palavra não es-

das atitudes da igreja jurídica e da igreja concreta (pág.214), e a ressurreição sintetizada nas páginas 222, 223: a Ressurreição de Jesus não pode confundir-se com as de Lázaro, da filha de Jairo e do filho da viúva de Naim.

Não é um regresso ao passado histórico, mas a passagem a um novo estado de vida. Ultrapassa a história mas, de algum modo, pertence à história. Jesus não fugiu do mundo mas tornou-se presente a todo o mundo e a toda a história. Uma síntese muito densa.

Este 2º volume, tal como o primeiro publicado em 2007, deve, pois, ser lido com lápis na mão e com vontade de aprender, e a leitura deve ser repetida.

É um livro que fica bem num estudante, num político, num professor, num catequista geral, até num agnóstico que deseje informar-se, indispensável num padre. Para os padres todo livro deve merecer especial atenção com destaque para as páginas consagradas à «Oração de Jesus no Horto» conjugadas com a reflexão sobre «a Morte na cruz como expiação».

A recompensa será enorme para todos: aprende-se a ler a Bíblia e faz-se a descoberta de Jesus real, aquele de que fala em sombras todo o Antigo Testamento e de modo claro o

creve duas. O livro está, contudo, escrito com inteligência e coração, sem que um aspecto ceda ao outro. São exemplos dessa dupla exigência a leitura dos textos do Antigo Testamento usados por Jesus, o sentido de textos enigmáticos como Jo 20,17 (pág. 231).



Há páginas encantadoras pela sua profundidade e simplicidade: a «verdade» trocada pelo oportunismo político (pag.157ss), as páginas dedicadas às mulheres junto á cruz que ele conclui com o paralelo

mento e de modo claro o Novo, um Jesus que não ficou no passado mas que vive connosco em cada hora.

D. Joaquim Gonçalves,
Bispo de Vila Real

Secretariado da Juventude Jornada Diocesana

No passado dia 16 de Abril em Sabrosa, decorreu a Jornada Diocesana da Juventude 2011. Este ano, contamos com a participação activa dos Servidores do Evangelho e da Misericórdia de Deus. Esta Jornada desenvolveu-se em dois tempos. Um primeiro tempo de reflexão à volta da proposta que a Comissão Episcopal Portuguesa fez a cada um dos cristãos de “repensar a Pastoral da Igreja em Portugal” através dos vários rostos da Igreja Diocesana de Vila Real.

Num segundo tempo e numa perspectiva de formação, tendo em conta a necessidade crescente de redescobrir a Palavra do Senhor, organizaram-se três



workshops.

No final do encontro os jovens encaminharam-se na procissão de Ramos para a Igreja paroquial de Sabrosa, onde a Celebração da Palavra abriu horizontes à Igreja Diocesana de Vila Real e àquilo que os Jovens estão convidados a viver na sua proximidade com Nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado.

Fátima Jovem

A habitual peregrinação nacional dos Jovens Católicos, realizar-se-á nos próximos dias 7 e 8 de Maio em Fátima. Este ano contará não com ‘uma directa com Maria’ mas com dois dias recheados de actividades e orações preparadas especificamente para os jovens.



Salientamos, no Sábado, às 18 h, concerto no Parque 2 pela Banda São Sebastião (Meãs do Campo – Diocese de Coimbra) e, pela noite dentro, vigília eucarística na Igreja da Santíssima Trindade a terminar com um espectáculo artístico-musical «A história das JMJ»

Jornada Mundial

Tendo terminado a primeira roda de inscrições, e com satisfação que o Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil de Vila Real, anuncia que 25 Jovens da Diocese de Vila Real participarão quer nas pré-Jornadas (10 a 15 de Agosto) que decorrerão na Diocese de Segóvia, quer nas Jornadas Mundiais da Juventude (16-21 de Agosto).

Estas Jornadas contarão com a presença do Santo Padre Bento XVI e tem-se revelado como uma caixa de surpresas. Entre as várias surpresas destacamos o lançamento do Youth Catechism (YOUCAT), com o qual se vira uma página na história da Pastoral Juvenil ao nível Mundial.

As inscrições estarão abertas até ao dia 15 de Junho.



Uma experiência de acolhimento

Numa altura marcada pelas festas carnavalescas, aceitar o desafio para sermos nós próprios e retirar as máscaras, pode ser muito complicado. Mas, houve 24 jovens da Diocese de Vila Real que, sem apreensão o fizeram e aceitaram o apelo d’Ele deixando-se acolher e acolhendo-se uns aos outros.

Foi nos dias 5, 6 e 7 de Março, na Casa Diocesana de Vila Real, que se realizou o Convívio Fraternal 1150. Este foi um convívio marcado sobretudo pelos pequenos toques que Ele nos foi dando ao longo dos três dias.

As dúvidas eram muitas, mas estes jovens quiseram descobrir algumas

A alegria e a convívência foram duas das características que se fizeram notar num crescendo que a todos ia envolvendo, especialmente por meio do canto que ia relembrando que só por meio de um amor humilde é possível se tornar mais forte, é possível ser mais luz no meio do mundo.



das respostas e perceberam que estas surgem na sua disponibilidade e no abrir dos seus corações, pois de coração aberto, escutamos melhor e mais facilmente chegamos ao essencial que é Jesus Cristo, o único caminho.

Após a noite de acolhimento e de conhecimento, os dias foram preenchidos pela dinâmica própria de um Convívio em que se privilegia a auto descoberta e a descoberta de Deus no próximo.

Num mundo onde predomina a indiferença perante a religião e onde se procura a alegria instantânea, é possível mostrar que os jovens marcam a diferença e querem realmente ter nas suas vidas o AMOR DE DEUS e assumir um compromisso responsável e coerente perante a Igreja.

O Papa João Paulo II, numa das mensagens aos jovens por ele tão amados, dizia: “Amados jovens, a Igreja precisa de testemunhas autênticas para a nova

evangelização: homens e mulheres cuja vida seja transformada pelo encontro com Jesus; homens e mulheres capazes de comunicar esta experiência aos outros. A Igreja precisa de santos. Todos somos chamados à santidade, e só os santos podem renovar a humanidade.”

Estes novos convivas apercebiam-se da importância da sua contribuição para a Igreja, de que a fé se manifesta através das obras, não desprezando a oração...

Com estes três dias, em que deixámos cair as nossas máscaras e conseguimos um encontro mais íntimo com Deus, saímos de lá com a certeza de que é importante deixarmo-nos acolher por Deus e acolher Deus nos irmãos.

A festa de encerramento foi no Auditório do Seminário de Vila Real, e contou com a presença de convivas, familiares, amigos, sacerdotes e diáconos que receberam os novos convivas de uma forma bastante acolhedora. Estes, por sua vez, transmitiram a sua alegria, trocaram experiências, e o encerramento culminou com a Eucaristia, onde todos celebraram as graças concedidas.

O próximo Convívio Fraternal será na Casa Paroquial de Valpaços, dias **10, 11 e 12 de Junho**.

pela Equipa Coordenadora
Paula Lage

EM SABROSA: faleceu o Pe José Gil

O Pe José Gil nasceu em Paredes do Rio, freguesia de Covelães, Montalegre, aos 21 de Setembro de 1921. Estudou no Seminário de Vila Real e foi ordenado em 1944.

Foi pároco de Sabrosa, mais tarde de Souto Maior e Vilarinho de S. Romão, desse mesmo concelho.

Além da paroquialidade, foi Arcipreste e professor de Religião e Moral.

Foi também Director do Externato Liceal Fernão de Magalhães, foi fundador do Património dos Pobres (1951), Director do Patronato de Nossa Senhora da Conceição de Vilarinho de S. Romão e Director do Patronato de Santo António de Sabrosa e Centro de Dia.

Foi ainda Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Bombeiros de



Sabrosa e Cidadão Honorário da mesma vila de Sabrosa

Faleceu a 11 de Abril e foi sepultado em Paredes do Rio, sua terra natal.

VALPAÇOS

Auto da Paixão em Vilarandelo

A Paróquia de S. Vicente de Vilarandelo está a organizar, catorze anos após a última, uma nova apresentação pública do Auto da Paixão.

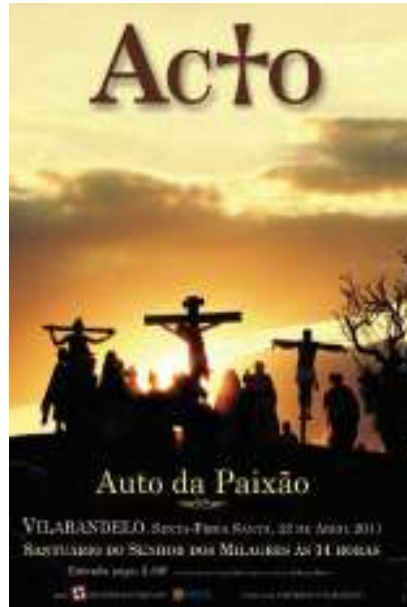
O Auto da Paixão de Vilarandelo tem-se representado, por princípio e ultimamente, em espaços de cerca de 10 anos, sendo que, aqueles de que há memória foram levados à cena nos anos de 1936, 1956, 1980, 1990 e 1997. Não obstante, há a certeza de ter havido representações em anos anteriores e, pelo menos, desde meados do século XIX.

A encenação tem por base um texto de influências formais claramente vicentinas (Gil Vicente), seguindo de perto os relatos dos Evangelhos da Paixão de Cristo, desde a entrada triunfal em Jerusalém até à sepultura de Jesus, passando pela última ceia com os discípulos, julgamento, caminho do Calvário, crucificação e morte de Jesus.

Houve também um trabalho demorado e exigente de tratamento e correcção do texto do Auto (que passou por tradição oral durante muitas gerações), com vista à publicação do mesmo em livro. Tal publicação já está feita, e à disposição de todos os interessados.

Este evento exige o aluguer ou compra de trajes adequados para 80 personagens, a construção de variados cenários, e, visto que se realiza ao ar livre, uma adequada e necessária sonorização e a preparação e adaptação dum terreno onde a mesma é feita.

Os ensaios e preparação da encenação estão já a decorrer desde finais de 2010, sendo que a representação ao público está marcada para o próximo dia 22 de Abril, Sexta-feira Santa, pelas 14 horas, no terreno contíguo ao Santuário de Nosso Senhor dos Milagres, na freguesia de Vilarandelo.



DOURO II

Jovens no caminho da Reconciliação

Os jovens do Douro II atenderam, mais uma vez, à chamada e no dia 12 de Março concentraram-se na vila de Favaios, para mais uma jornada de actividades.

Motivados pelo sucesso do primeiro Encontro, que teve lugar em Dezembro, os jovens mostravam-se expectantes e entusiasmados.

Porém, este encontro, por força do tempo litúrgico, convidava à reflexão, à introspecção e à reconciliação com o Pai.

Depois da formação dos grupos de trabalho, onde se privilegiou o contacto entre os jovens das diferentes paróquias, assistiu-se ao visionamento de dois filmes, em que o amor e o sacrifício foram os sentimentos retratados, bem à imagem do que se vive no tempo de preparação para a Páscoa.

Já imbuídos no espírito quaresmal, foi atribuído, aleatoriamente, a cada grupo duas estações da Via-Sacra. O objectivo era simples: de acordo com o momento da estação e apoiados na Bíblia, escolheriam uma passagem que melhor a ilustrasse, fazendo, posteriormente, uma meditação e uma oração.

O desafio estava lançado e nas mãos dos jovens.

O dia ficou marcado, igualmente, por uma Celebração Penitencial, que teve lugar na Igreja Matriz. Este momento, de maior reflexão e tomada de consciência das fraquezas e das falhas, foi tomado por cada um como ponto de partida para a reconciliação. Na Celebração, carregada de simbologia, os momentos de silêncio, o exame de consciência e a Palavra, ajudaram os jovens a prepararem-se interiormente. Aqui, foram convidados a

restabelecerem a sua ligação com Deus, a acolherem-No no seu coração, recebendo o Seu perdão e a Sua graça.

Depois do almoço partilhado, seguiu-se mais um momento de intensa comunhão. Pelas ruas de Favaios, os jovens percorreram o caminho que Jesus fez até ao Calvário, carregando a cruz.

Nas 14 estações, os grupos, tomando o trabalho realizado durante a manhã, encenaram os momentos vividos por Jesus, havendo espaço para a meditação e para a oração. Ao longo da Via-Sacra puderam sentir a dor e o sofrimento daquele Homem que morreu para nos salvar.

No final, receberam uma recordação deste II Encontro e partiram de coração renovado e preparado para, nesta Páscoa, acolherem, na humildade, o Cristo Redentor e Salvador em suas casas.

Joana Vieira

DOURO I

Semana missionária

Respondendo ao apelo feito pela Carta Pastoral dos Bispos de Portugal, a 17 de Junho de 2010, sob o tema “PARA UM ROSTO MISSIONÁRIO DA IGREJA EM PORTUGAL”, as Paróquias da Zona Pastoral Douro I levaram a efeito uma Semana Missionária com a finalidade de fazer despertar mais vivamente o espírito missionário das nossas comunidades.

Esta actividade evangelizadora decorreu de 2 a 10 de Abril e contou com a presença de 9 equipas missionárias, cada uma delas formada por um missionário e uma missionária. Os missionários percorreram a maior parte das Paróquias do Arciprestado, levando uma mensagem de fé que ajudou as pessoas a reavivar a sua vida cristã, despertando nelas uma atitude de mais participação e comunhão.

Na reunião de todos os Párocos e equipas missionárias que se realizou na quarta-feira, dia 6/04, o ambiente era de optimismo em relação aos frutos desta missão, que esperamos sejam abundantes.

Além do encerramento feito em cada Paróquia, concluiu-se a semana missionária a nível arciprestal, com uma celebração mariana realizada na tarde de domingo, 10/04, na Alameda Municipal da Régua.

Oração de Taizé em Mesão Frio

No dia 13 de Abril a Paróquia de Mesão Frio recebeu a visita de um grupo de jovens de Vila Real, que veio, a convite do Pároco local, animar uma noite de oração de Taizé. Foi a primeira vez que nesta Paróquia se experimentou esta forma de rezar, que atrai tanto os jovens, quer aqueles que vão a Taizé, quer os que fazem esta experiência nas suas próprias Paróquias.



Participou nesta oração um pequeno grupo de jovens e adultos de Mesão Frio, que ficaram entusiasmados com a simplicidade e profundidade desta oração comunitária. Por isso pediram que esta experiência se volte a realizar logo que seja possível.

BARROSO

Reflexões sobre a “Verbum Domini”

Realiza-se na segunda Segunda-feira do mês, às 14h30 as reuniões arciprestais do clero; Foi feita no dia 11 de Abril uma primeira reflexão sobre o documento “Verbum Domini” e outras se seguirão.

Decorreu também no passado dia 27 de Fevereiro um encontro dos zeladores do Apostolado da Oração, dinamizado pelo Padre Sérgio Dinis.

Rão Kyao apresentou na Diocese:

Sopro de Vida - ao ritmo da Liturgia

No âmbito da comemoração dos 75 anos do Seminário de S. Paulo em Almada, Rão Kyao lançou o CD “Sopro de Vida”.

“Sopro de Vida - Ao ritmo da Liturgia” é composto por 25 faixas de autores portugueses, interpretadas pela flauta de Rão Kyao, acompanhado ao órgão por Renato Silva Júnior.

“Este trabalho é a concretização de um sonho: ‘cantar’, numa gravação com a flauta, uma série de cânticos religiosos de grande profundidade melódica” - refere-nos o artista no folheto que acompanha o CD.

Com a intenção de divulgar o seu admirável trabalho, os músicos propuseram-se “fazer-se à estrada” por todo o país e apresentar ao vivo estes magníficos temas litúrgicos onde podemos saborear a qualidade de um artista consagrado com músicas que nos fazem sorrir interiormente, numa leitura única no seu género. Esta iniciativa partiu do diálogo e proximidade do próprio músico com elementos do Secretariado Diocesano da Pastoral de Vila Real. Num dos concertos viria a afirmar: “é o contributo que eu posso dar como católico praticante e como músico”.

O Secretariado Diocesano da Pastoral organizou sete concertos em

diferentes pontos da Diocese: Vila Real, Chaves, Peso da Régua, Valpaços, Mondim de Basto, Montalegre e Murça, com entrada livre. Foram sete concertos num tempo muito oportuno como é o tempo da Quaresma.



Foi solicitada a colaboração dos párocos no sentido de juntos

poderem organizar as apresentações dos músicos, associadas simultaneamente, à difusão do CD no local. Esta coprodução visou divulgar esta obra musical para além de proporcionar às pessoas um concerto ao vivo num ambiente da igreja com todo o seu envolvimento espiritual. Os temas seleccionados para este tempo da Quaresma, interpretados de forma tão nobre pelas flautas de bambu de Rão Kyao, são cânticos litúrgicos que fazem habitualmente parte das nossas celebrações. Foi assim possível, em alguns casos, acompanhar a flauta criando-se uma comunhão entre os músicos e a assembleia, num único acto de louvor. Foram vividos momentos de autêntica beleza onde fomos convidados a aprofundar o sentido daquilo que tantas vezes cantamos.

Rão Kyao não escondeu a gratidão por esta caminhada ao mesmo tempo que explicou algumas características deste projecto: «o concerto foi muito bom. Não é um concerto com um solista. Vim aqui, para além de apresentar as músicas, criar empatia com as pessoas. São cânticos de louvor. Saio com a alma mais leve porque a mensagem é espiritual, como tal, faz bem. A vida tem outro significado. Saio com outra alegria».

Rão Kyao, ao oferecer esta gravação à Igreja e ao colocar-se na disposição de apresentar ao vivo alguns dos seus temas, nas nossas igrejas, presta um grande serviço à fé e à cultura.

Pe. Sérgio Dinis

Vai Acontecer

Maio

- 1 Dia da Mãe
- Encontro Regional de Noivos, Régua (aos Domingos até dia 15)
- 2 Recolecção Mensal dos Sacerdotes, Casa do Clero
- 7 Curso de preparação para o Matrimónio, Vila Real, Casa Diocesana (todos os Sábados de Maio)
- 8 - 15 Semana das Vocações e da Vida
- 15 Domingo do Bom Pastor – Dia de Oração pelas Vocações
- 17 Aniversário natalício de D. Joaquim Gonçalves
- 20º Encontro Diocesano de alunos de EMRC

Junho

- 4 Acção de formação para Professores de EMRC, Vila Real
- 5 Dia Diocesano, Vila Pouca de Aguiar
- Ascensão do senhor - Dias das comunicações Sociais
- 6 Recolecção Mensal dos Sacerdotes, Casa do Clero
- 10 Peregrinação Nacional das Crianças a Fátima (Mensagem de Fátima)
- 10 - 12 Convívio fraterno, Valpaços
- 11 Acção de formação para Professores de EMRC, Vila Real
- 19 Conselho Diocesano de Pastoral
- Entrega de sugestões para o novo ano pastoral
- Ultreia Diocesana, Vila Real (Cursos de cristandade)
- 23 Corpo de Deus

Declaração da Vigararia Geral da Diocese de Leiria-Fátima

Actividades de exorcista por parte de Humberto Gama

Na sequência de um programa televisivo e de notícias aparecidas nos meios de comunicação social sobre as actividades de exorcismo realizadas por Marcelino Humberto Gama, mais conhecido por “padre Humberto Gama”, chegaram ao Santuário de Fátima e à secretaria episcopal de Leiria queixas e pedidos de informação sobre a pessoa em causa.

Tendo recolhido as devidas informações, no intuito de responder ao interesse geral e, em especial, das pessoas tentadas a solicitar os serviços “religiosos” do referido senhor, levamos ao conhecimento dos interessados o seguinte:

1. Humberto Gama, cujo nome completo é Marcelino Humberto Gama, foi efectivamente membro da Congregação religiosa dos Marianos da Imaculada Conceição, tendo sido ordenado sacerdote no Convento de Balsamão, no concelho de Macedo de Cavaleiros, em 1965.
2. Foi enviado para Inglaterra, onde esteve integrado na comunidade religiosa da referida Congregação. Mas, em 1972, por motivos graves, o governo-geral da mesma Congregação demitiu-o. Esta decisão de expulsão da congregação religiosa de que era membro foi confirmada pelo Vaticano, através da Congregação dos Religiosos e

Institutos Seculares.

3. Desde então, na Igreja Católica, não se reconhece ao senhor Humberto Gama qualquer legitimidade para as actividades religiosas ou de exorcismo que realiza, sendo abusivos o título de “padre” com que se apresenta, o uso de vestes sacerdotais e a prática de ritos religiosos. E igualmente abusiva a divulgação de uma sua fotografia com o Papa João Paulo II, para tentar legitimar e provar a sua condição de padre e para servir de cartão de visita para ser contactado nos arredores de Fátima.

4. A quem se encontra em dificuldades que julga serem espirituais,

aconselha-se o recurso a uma prática cristã regular e a solicitar a ajuda de quem mereça confiança para o poder fazer e tenha o reconhecimento da Igreja, quer seja um sacerdote, um religioso ou religiosa ou mesmo um cristão leigo.

5. Recomenda-se, por outro lado, aos sacerdotes e a outros fiéis cristãos capazes de ajudar pessoas em dificuldade psico-espiritual que as acolham com caridade, as escutem com paciência e inteligência, façam oração por elas e, conforme as situações, as encaminhem para outros apoios adequados ao caso em questão.

Leiria, 28 de Fevereiro de 2011